

Fortuna infortunada: a derrocada do mundo helênico em Paladas de Alexandria

Tatiana Maria Gandelman de Freitas –
Mestranda em Ciência da Literatura/UFRJ

*Há quantos séculos nos agarramos a estas rochas, a estes campos estreitos,
resistindo ao ímpeto das invasões bárbaras!*

(Nikos Kazantzakis, Irmãos Inimigos)

Os primeiros séculos do cristianismo assinalaram importantes embates com a cultura helênica que perdia força no oriente e no ocidente. Testemunho de um mundo grego fragilizado que rui como um castelo de cartas, o epigramatista Paladas, da cidade de Alexandria no Egito, viveu no IV século d.C. e se dedicou a versar, em muitos de seus epigramas, sobre a transição da cultura grega para o mundo cristão. Um de seus mais significativos temas é a *Týche*, presente de forma recorrente em sua obra. Para analisarmos a produção do referido autor, bem como para contextualizar o momento conturbado do qual Paladas de Alexandria faz parte, recorreremos majoritariamente às traduções, comentários e análises do poeta José Paulo Paes, que flagra, no poeta alexandrino, a inquietude do momento em que vive.

Segundo o *Dictionnaire Le Grand Bailly*, o termo *Týche* assume diversas acepções, dentre as quais: fortuna, sorte boa ou má, acaso, adversidade, golpe dos deuses. Como divindade, *Týche* é filha de Zeus *Eleuthérios* e, ainda que ambivalente, confere mais felicidade do que infortúnios aos humanos. A divindade adquire grande importância no mundo helenístico, em contraposição aos deuses tradicionais que já não exercem o fascínio de antes. Porém, em seus epigramas, Paladas parece não mais contar com a ajuda da deusa. Para a percepção helenística, *Týche* representava muito mais a mera causalidade do que a vontade divina.

No quarto século de nossa era, as condições impostas pelo rei Teodósio o Grande e a conduta intransigente do religioso São Cirilo de Alexandria são o início para o aniquilamento do que ainda resta da cultura pagã. Cada vez mais, hordas cristãs saqueiam e destroem obras de arte e arquitetura antigas, além de torturar pagãos. Esse é o mundo que Paladas, desencantado e amargurado, assiste e denuncia em seus epigramas. À desonra e à destruição dos templos greco-romanos, o alexandrino responde com versos que demonstram toda a nostalgia de uma época gloriosa que se vai, sendo, quase sempre de forma violenta, substituída por uma sociedade com novas bases. Além disso, já não existia mais, há pelo menos dois séculos, a tradição dos epigramas. Um de seus poucos contemporâneos era Gregório de Nazianzanos, ligado à alta cúpula da Igreja. Porém, mesmo coetâneos e escrevendo em grego, havia uma grande diferença entre eles: enquanto Paladas representa o último dos epigramatistas pagãos, Gregório de Nazianzanos inaugura a tradição dos autores cristãos.

Dos cerca de cento e cinquenta epigramas de Paladas que chegaram aos nossos dias, muitos deles transbordam de pessimismo, tristeza, sofrimento e aflição. Consciente da sua condição de vencido pelas turbas dos adeptos do cristianismo, não é raro em seus versos a temática do *gênos* como uma raça helênica que se perde, e com ela toda a sua riqueza cultural. Entretanto, os deuses parecem funcionar como uma espécie de metáfora e pretexto literário na crítica ao cristianismo, doutrina que cada vez mais se impõe de maneira absoluta. Para Paladas, como afirma José Paulo Paes (1993), mesmo contando com um panteão, as divindades *“parecem ser invocações de índole mais literária do que propriamente religiosa. Na melhor das hipóteses, divindades como as de Epicuro, infinitamente distantes, por força da sua mesma perfeição, das imperfeições humanas”* (pp. 42-43).

No auge da crise do homem grego, descontextualizado, atemorizado na encruzilhada entre o paganismo e o cristianismo, Paladas reflete acerca do momento histórico e toma a vida de forma negativa. Testemunho indefeso e perplexo diante da difusão maciça do mundo cristão e da derrocada da cultura helênica, o poeta nos mostra a ascensão de uma moral religiosa baseada no

monoteísmo, destruindo todos os ideais da ética grega, de base politeísta. Em um dos momentos mais belos da epigramística grega, Paladas demonstra sua angústia e desespero diante de um povo que se esvai, sem que nada possa ser feito. Diz ele no epigrama X: 82: *“Acaso estamos mortos e só aparentamos / estar vivos, nós gregos caídos em desgraça, / que imaginamos a vida semelhante a um sonho, / ou estamos vivos e foi a vida que morreu?”*.

Revelando toda a desgraça que se abate sobre a raça grega, Paladas não esconde sua aflição em ver a tradição helênica ficando para trás, como passado, antiquada, envelhecida, esquecida e inerte como a morte. Gregos vivos, porém desgraçados, sem-lugar num mundo diverso e ameaçador que surge. Gregos que não vislumbram uma saída para sua condição: sem espaço para sonhar, vivem o pesadelo, mortos para o mundo que surge; ou vivos diante de um mundo que morre. A *Týche*, outrora deusa protetora, abandona a raça dos helenos e os deixa desamparados, à deriva, ao sabor do acaso e, por isso mesmo, vítimas da *adikía*, a injustiça. Como denuncia Paladas nos versos finais do epigrama X:90. *“Nós, os gregos, homens reduzidos a cinzas, / só temos sepultas esperanças de mortos. / Todas as coisas estão hoje transtornadas”*. A idéia de Sorte como capaz de produzir mudanças na vida humana perde força durante os séculos e adquire um caráter randômico. A deusa Fortuna, na época de Paladas, é menos magnânima em suas vontades, muitas vezes honrando os injustos e negligenciando os justos.

Uma vez abandonado com todo o seu povo pela *Týche*, Paladas, sem esperança, preza pelo que ainda lhe resta e ninguém pode roubar. No epigrama IX: 172, o autor, impregnado de uma ética estóico-epicurista, demonstra ser a liberdade o seu mais valioso bem: *“Nem Esperança nem Fado me importam / deles não me inquietam / quaisquer outras ciladas: cheguei a bom porto. / Sou homem pobre, mas a liberdade mora em minha casa; / fujo à riqueza que tanto insulta a pobreza*. O fado, a má sorte, já não importam mais ao resignado Paladas. Fiel a seus princípios, não troca seus valores pela riqueza material tão cobiçada pelos cristãos, que, naquelas circunstâncias, golpeia a dignidade da pobreza. O mundo pagão não tem mais razão de ser na nova ordem que se instaura, mas a sua liberdade, de ordem moral e material, é uma grande qualidade a ser mantida a qualquer preço.

Revoltado com o descaso de *Týche*, Paladas, no epigrama IX: 180, diz ter a deusa que presidia o bem e o mal encontrado sua função mais adequada: *“Fortuna que retalhaste sempre a vida, / desnaturando-lhe o vinho sem mistura, / agora que taverneira, não mais deusa, / te dedicas a misturar e a servir, / tens ofício mais conforma a teu caráter.* Nesses versos, o poeta satiricamente se refere ao templo romano de outrora, dedicado à Fortuna, insensivelmente transformado em taverna na época cristã. Em um tom quase sarcástico, com muito humor e ironia, o poeta alexandrino, num jogo de palavras, afirma, no epigrama IX: 182, que a própria *Týche* está sujeita aos infortúnios da vida: *“E tu, senhora Fortuna, que má fortuna tiveste? / Fez-se infortunada a que outorga fortunas? / Aprende tu também a suportar os vaivéns, as quedas / infortunadas que preparas aos outros.* No primeiro verso, a oposição *týchen X atychê*, Fortuna X má fortuna, marca toda a ironia do epigrama. Pois, indaga ele, como a senhora Fortuna, que já decidiu tanto sobre a sorte dos humanos, pode ter tido má fortuna? E segue, questionando, na sua brilhante sátira: *“Fez-se infortunada a que outorga fortunas?”.* Mais uma vez faz uso da oposição *týchas X atychés* para destacar o paradoxo. E, por fim, numa mistura de humor e piedade, dá, ele mesmo, conselhos à deusa para se adaptar aos novos tempos e suportar também as penas por ela infligidas aos mortais. No brevíssimo epigrama IX: 181, insiste, mais uma vez, usando uma antítese, no tema da Fortuna desafortunada: *“Ao que me parece, transtornaram-se as coisas, / ora que vemos a Fortuna infortunada (Týchen nûn dustuchoûsan).*

Além da ironia, uma mistura de resignação e inconformismo atormentava Paladas, que, no epigrama X: 62, abandona o escárnio e tematiza a *adikía*, injustiça: *“Nem razão nem lei segue a Fortuna, mas tiraniza os mortais / no absurdo impulso de suas próprias correntes. / Favorece antes os iníquos, aos justos abominando, com que a alardear sua força insensata.* A oposição *adíkoisi X dikaíous*, iníquos X justos, marca a força dos versos. Paladas, resistindo, demonstra mais uma vez seu sentimento de deriva diante do mundo, acusando a Sorte de não ter nenhum critério nem obedecer a qualquer razão ou lei. Mais do que isso, favorece aos injustos e despreza os que mais precisam dela. No epigrama X: 65, o autor de Alexandria compara metaforicamente a vida ao ato de navegar: *“Navegação perigosa, a vida: em*

meio às tempestades, / somos às vezes mais de lastimar que náufragos. / Tendo como piloto de nossas vidas a Fortuna, / incertamente é que vogamos ao mar alto; / uns fazem boa viagem, outros ao contrário, mas / todos chegam ao mesmo porto sob a terra. A vida, para o autor, torna-se sem sentido. Mesmo correndo riscos, os navegantes que enfrentam o mar buscam um objetivo para seus atos. Mas, na vida, Fortuna, curiosamente representada pelos romanos com um timão em uma das mãos, não pode decidir pela boa ou má sorte. Só resta, portanto, navegar pelo mundo sem direção e resignar-se a esperar pelo “*mesmo porto sob a terra*”, igual para todos. Como explica no epigrama X: 80, o homem não passa de mero brinquedo à mercê da Sorte: “*Joguete da Sorte a errante e mísera vida dos mortais, / que se debatem entre a riqueza e a pobreza. / Aos que deixou cair, ela os joga para o alto feito bolas, / e os que estavam nas nuvens, atira-os ao inferno.*” Mais uma vez, presente o tema da injustiça, do acaso, da inconstância, da fragilidade e da precariedade da condição humana. Os homens estão fadados aos acontecimentos inesperados, incertos e imprevisíveis da vida, ausentes de qualquer critério.

Nos momentos de maior revolta, o autor filosofa sobre a brevidade da vida. Paladas associa seus epigramas constantemente ao tópico do *carpe diem*, pregando valores simples, aproveitando a efêmera vida no curto espaço de tempo em que ela dura. Em X:60, sentencia: “*Enriqueces; e daí? Quando morreres, a riqueza por acaso / te seguirá ao te arrastarem para o túmulo? / No juntá-la gastaste o teu tempo de vida: não poderias / pagar por ela preço mais exorbitante.*” No epigrama V: 72, invocando Baco, revela sua postura extremada diante da efemeridade da vida: “*Só isso, a vida: um instante de prazer. Para longe, mágoas. / Se é tão breve a existência dos homens, que venha Baco / com suas danças, coroas de flores, mulheres. ! Hoje eu quero ser feliz – ninguém sabe nada do amanhã.*” Contra as injustiças que vivencia, insulta *Týche* denominando-a prostituta, como nos mostra o epigrama X: 87: “*Se não soubermos rir da vida que nos foge / e da Sorte, rameira que a corrente arrasta, / seremos a causa de nossa própria dor, / vendo os indignos mais ditosos do que nós.*” Como uma espécie de conselheiro, Paladas clama pela sabedoria necessária para que a vida se torne mais amena. Se não há como fugir da *týche* e da *adikía*, que, pelo menos, o homem adote uma postura

irônica, ainda que pessimista, diante dos fardos e da inevitável morte. Como nos revela o epigrama XI: 62: *“Todos os mortais têm de pagar a dívida da morte / pois ninguém sabe se amanhã estará vivo. / Aprende bem esta lição e cuida de alegrar-te, oh homem, / que tens no vinho o esquecimento do teu fim. / Deleita-te com Afrodite nessa tua vida efêmera / e deixa a Fortuna cuidar de todo resto”*.

Assim como a Fortuna, todos os deuses que aparecem em seus versos refletem, como esclarece José Paulo Paes, a “dramática ilustração de uma crise histórica” (1993, p.34), produto da “morte da tradição politeísta clássica ante a avassaladora hegemonia do cristianismo” (idem). Carregado de sarcasmo e melancolia, o epigrama IX: 441 traduz o sentimento dos últimos pagãos que ainda resistiam àquela altura: *“Admirou-me ver, nas encruzilhadas, o brônzeo filho / de Zeus, tão invocado outrora, ora por terra, / e irado exclamei: “Oh trilunar que nos guardas dos males / e nunca foste derrotado, hoje tombaste”. / Mas de noite, ao pé do leito, Hércules disse-me a sorrir: / “Embora deus, aprendi a sujeitar-me aos tempos”*. O autor, nesses versos, refere-se ao costume grego de colocar imagens de deuses nas encruzilhadas. O epigrama fala de Hércules, semideus, um dos mais importantes heróis da Grécia, imbatível nas épocas célebres, reduzido, em tempos cristãos, à uma imagem profanada, caída ao chão. A dor é tanta que Paladas de Alexandria, numa espécie de mecanismo compensatório, é visitado por Hércules em sonho para tentar confortá-lo. Porque não há escolha. Diante da invasão cristã que afronta a cultura helênica e destrói de forma insana e inseqüente toda a tradição grega baseada no politeísmo, só resta aos deuses pagãos e aos seus últimos seguidores adaptar-se aos novos tempos.

Bibliografia:

Fontes Primárias:

PALADAS DE ALEXANDRIA. *Seleção, tradução, introdução e notas de José Paulo Paes*. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

Fontes Secundárias:

BAILLY, Anatole. *Le grand Bailly*. Dictionnaire Grec-Français. Paris: Hachette, 2000.

JAEGER, Werner. *Cristianismo primitivo e paidéia grega* Lisboa: Edições 70, s/d.

LÉVÊQUE, Pierre. *O mundo helenístico*. Lisboa: Edições 70, 1987.

VEYNE, Paul. *Acreditaram os gregos nos seus mitos?* Lisboa: Edições 70, 1983.